

LEITURA LITERÁRIA E FUNÇÃO SOCIAL

Vera Teixeira de Aguiar
(PUC RS)

RESUMO

A função social da leitura é aqui discutida a partir de noção de distribuição do capital cultural, conceito formulado por Pierre Bourdieu. Diante da evidência da não-leitura, situação persistente no País, com raízes históricas em nosso processo de colonização, promovemos uma experiência de distribuição do capital cultural, através da criação de um laboratório de leitura em uma comunidade periférica de Porto Alegre, no sul do Brasil. A idéia é a de, a partir do ângulo em que nos colocamos, interferir no processo social, através de oficinas de leitura, o que redundará em benefícios para todos os envolvidos. Nossa ação, no Centro de Literatura Interativa da Comunidade CLIC, desdobra-se em três direções. De um lado, propomo-nos a desenvolver o gosto pela leitura das crianças da Vila, de 7 a 14 anos, tuteladas pelo Serviço de Atendimento Socioeducativo SASE da Associação de Moradores, visando ampliar os horizontes culturais das mesmas; de outro, pretendemos formar os futuros professores de Letras, através da atuação em oficinas de leitura da literatura em que o livro dialoga com outras linguagens, entre elas, as provenientes da informática e das artes em geral; por último, entendemos a experiência como um campo de pesquisa, onde criamos material informatizado para interação com o texto literário e teorizamos sobre o processo ali desenvolvido.

PALAVRAS-CHAVE: leitura, distribuição cultural, função social

De há muito, aliás, desde a invenção da escrita, há mais de cinco mil anos, a leitura tem sido um fator de distinção social. Saber ler significou sempre o ingresso no mundo da cultura sofisticada, em oposição à simplicidade do dia-a-dia junto à natureza. Embora as primeiras plaquetas de barro, descobertas na região da Suméria, na Mesopotâmia, em pleno Oriente Médio, fossem constituídas de listas, relações de sacos de grãos e cabeças de gado, como uma espécie de contabilidade da vida prática, logo as novas inscrições passaram a registrar também a experiência cotidiana e os sentimentos da comunidade, em forma de versos que cantavam os heróis e seus feitos, os amores, os medos, as crenças e os sonhos daqueles homens. A partir de então, progressivamente, a memória foi sendo substituída pela escrita, e o importante papel dos mais velhos, que transmitiam às novas gerações o saber sedimentado pelo grupo, entregue aos documentos, decodificados apenas por quem dominava o código e sabia interpretá-los. Desde aquela época, a leitura tem sido sinônimo de valorização social.

Mas há leitura e leituras, isto é, o fato de alguém dominar o código e decifrar um texto não significa que ele compreenda a realidade ali expressa, mais complexa do que a aparente, por sua carga de sentidos implícitos, não-ditos e possibilidades de inferências. O leitor é aquele capaz de, através do texto, se apossar de um saber acumulado, cifrado, que o coloca em contato com as conquistas do passado, com as trocas do presente e com os projetos para o futuro, quer dizer, ele tem do mundo uma visão muito abrangente, em termos de conhecimento do que foi vivido ou desejado. Quem não lê, por outro lado, vale-se da experiência direta e da memória para situar-se enquanto sujeito e cidadão, o que limita suas possibilidades de interação na sociedade moderna, toda ela voltada para a cultura letrada.

Estamos certos de que a situação de não-leitura persiste nos dias atuais, porque, como vimos, não basta decodificar um código escrito, mas compreender as relações de sentido que os textos abrigam, interpretá-las à luz do contexto em que se inserem, para tomar posições e apropriar-se dos novos conteúdos como uma experiência de vida. Assim, quando abrimos o jornal e lemos a manchete “Pesquisa mostra que 67% dos brasileiros não entendem o que lêem”, a notícia nos informa que apenas 25% dos brasileiros entre 15 e 64 anos são capazes de ler, entender o que está escrito e escrever corretamente,

enquanto 8% são analfabetos. Os dados estão em pesquisa de uma organização não-governamental, o Instituto Paulo Montenegro, que coopera com o Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística / IBOPE na descrição quantitativa das diversas facetas da sociedade brasileira. A situação leva-nos a pensar: se as pessoas lêem e não entendem o que lêem, então não lêem. O texto escrito é um veículo de informações produzidas por um emissor que devem chegar a um receptor. O que temos aí é um processo de comunicação que só acontece, realmente, quando o leitor toma posse da matéria lida e posiciona-se diante dela. Se isso não ocorre, a comunicação falha e o ato de ler não acontece, o que significa que boa parcela dos brasileiros não usufrui dos bens que a cultura letrada oferece, o que a leva a condições sociais e humanas muito prejudicadas.

A referida pesquisa acusa uma situação persistente no País, com raízes históricas em nosso processo de colonização, mas que não precisa se eternizar. Com tal convicção, temos levado a cabo uma experiência de distribuição do capital cultural, através da criação de um laboratório de leitura em uma comunidade periférica de Porto Alegre, no sul do Brasil. A idéia é a de, a partir do ângulo em que nos colocamos, interferir no processo social, o que redundará em benefícios para todos os envolvidos.

A Vila Nossa Senhora de Fátima fica localizada no Bairro Bom Jesus, zona leste da cidade de Porto Alegre, capital do estado do Rio Grande do Sul, Brasil. A maioria da população, cerca de aproximadamente 10.000 pessoas, é carente e apresenta baixa escolaridade. As condições de moradia são precárias e o saneamento é deficiente. Os dados demográficos dessa população (IBGE: 1990 a 2000) sugerem riscos para maior morbidade e mortalidade por todas as causas, em todas as idades, quando comparados com outras populações. Dos cerca de mil domicílios, 98% são considerados subnormais e abrigam cerca de 10 pessoas; 67% das famílias tem renda menor do que dois salários mínimos e 45% dos chefes de família tem menos de 4 anos de estudo. A coleta de lixo é realizada indiretamente na maioria das residências; o saneamento é deficiente, predominando a presença de fossas rudimentares ou valas de esgoto. Precisamos ressaltar que um levantamento realizado pela Prefeitura Municipal de Porto Alegre constatou que grande número de crianças que vivem nas ruas da cidade é proveniente dessa vila, o que denota o alto índice de exclusão social.

Em agosto de 1980, a PUCRS criou naquele espaço um programa de extensão para oferecer a seus alunos a oportunidade de desenvolver estágios curriculares em contato com a realidade brasileira, além de providenciar serviços de qualidade acadêmica a uma comunidade de baixa renda. O programa foi denominado Campus Aproximado Vila Nossa Senhora de Fátima, na rua 14, nº 227. Desde então, diariamente são realizadas atividades de ensino e de serviço nas áreas de saúde, educação e assistência social. Legitimado pela população, o espaço é um pólo de referência para os moradores no que tange ao atendimento de necessidades básicas de saúde e assistência social.

Todavia, até 1996, o *campus* não desenvolvia nenhum projeto de formação de leitores, o que nos motivou a formar um grupo, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da PUCRS, e a criar o Centro de Literatura Interativa da Comunidade CLIC, com o auxílio da Associação de Moradores, objetivando atender às necessidades da comunidade no tocante à ampliação do capital cultural, a partir da leitura literária e da iniciação na informática. O papel da Associação foi fundamental, desde o início dos trabalhos, pois significou atribuição de funções de ambos os lados, dando origem ao diálogo constante e, conseqüentemente, à integração do grupo. Um líder comunitário, responsável pelas crianças, participou do planejamento inicial e faz parte de todas as iniciativas, decididas em reuniões semanais. É claro que fazemos planos gerais, mas eles são constantemente alterados conforme as necessidades vão surgindo, por demanda das crianças ou dos universitários.

Nossa ação, no Centro de Literatura Interativa da Comunidade / CLIC, desdobra-se em três direções. De um lado, propomo-nos a desenvolver o gosto pela leitura das crianças da Vila, de 7 a 14 anos, tuteladas pelo Serviço de Atendimento Socioeducativo / SASE da Associação de Moradores, visando ampliar os horizontes culturais das mesmas; de outro, pretendemos formar os futuros professores de Letras, através da atuação em oficinas de leitura da literatura em que o livro dialoga com outras linguagens, entre elas, as provenientes da informática e das artes em geral; por último, entendemos a experiência como um campo de pesquisa, onde criamos material informatizado para interação com o texto literário e teorizamos sobre o processo ali desenvolvido.

As oficinas acontecem de segunda-feira à sexta-feira, nos tur-

nos da manhã e da tarde, com a duração de 1h e 30 minutos, sob a responsabilidade de um monitor, que atende grupos de 08 a 12 crianças, previamente selecionadas pelo líder comunitário e integrante do SASE, da Associação de Moradores. Cada grupo participa semanalmente de uma oficina ao longo do ano, o que permite às crianças um contato contínuo com o capital cultural oferecido pelo espaço do CLIC no tocante a livros literários, periódicos semanais em geral, revistas infantis, mapas, dicionários, reproduções de quadros artísticos, músicas, vídeos e computadores. Organizamos as oficinas sempre em torno do livro literário e as diversificamos segundo as outras linguagens enfocadas e os materiais que acompanham o livro. Temos, pois, oficinas de literatura e contação de histórias, teatro, imagem, música, sucatas e computador, visando sempre à compreensão, à interpretação e à ressignificação dos conteúdos lidos, através de atividades lúdicas e criativas.

As oficinas de literatura são variadas e dependem dos talentos dos monitores, de suas aptidões e interesses. Por exemplo, literatura e teatro foi uma oficina constante enquanto uma aluna com experiência na área esteve entre nós. No momento em que ela se doutorou e se desligou do CLIC por ingerências profissionais, a oficina deixou de existir. As crianças reclamaram muito e hoje outra monitora assume a tarefa, por escolha própria. Da mesma forma, o fato de participar do grupo de um estudante que faz parte de uma banda permite que aconteça a oficina de literatura e música. E assim por diante, isto é, ninguém é obrigado a fazer o que não quer ou não conhece. A descoberta de novos saberes, portanto, dá-se sempre a partir de uma motivação pessoal, com o monitor trocando idéias e emoções com todos os pares.

Um dado importante diz respeito ao papel do agente comunitário, que exerce a função de mediador entre as crianças e suas famílias, de um lado, e nós, de outro, membros do ambiente acadêmico letrado e detentor de um saber que aos moradores da favela é negado. Esse líder faz parte da comunidade, ali nasceu, tem sua família e trabalha. Para que possa estabelecer a ligação entre os dois universos, ele foi escolhido por ser escolarizado, com nível médio completo. Hoje está se diplomando em Pedagogia em uma universidade pública e tem as condições essenciais para sintetizar as duas visões de mundo.

O papel de nosso mediador é fundamental, porque nos leva a valorizarmos a cultura de origem dos participantes do CLIC e não nos

investirmos de uma postura paternalista e excludente, acreditando que estamos doando os bens considerados válidos para quem não tem nada. Ao contrário, ele nos ensina diariamente a dialogar com as diferenças e a atentar para aspectos que precisamos levar em conta nesse processo. Em última análise, temos bem clara, pelas lições desse mediador, que nossa tarefa é a da acumulação e da transformação do capital cultural e não a da exclusão de um para a substituição por outro. E isso vale para os dois lados, para as crianças do CLIC e para nós.

Ao utilizarmos, nas oficinas de leitura, outras linguagens para interagir com o texto literário, além da informatizada, como a música, o desenho, a pintura, o teatro, para a ressignificação dos conteúdos dos textos lidos, temos a preocupação, como enfatizamos, de oferecer às crianças o acesso aos bens simbólicos de uma cultura que não lhes é transmitida por origem social. Uma das providências que tomamos, por exemplo, foi a de criar uma galeria de arte nas paredes da sala, com reproduções de telas de pintores conhecidos. Chamamos assim-galeria de arte-, para elas se familiarizarem com o nome e, mais tarde, quando tiverem a chance de entrar em uma, já saberem do que se trata e conhecerem pela experiência vivida. Aliás, pelas mesmas razões, adquirimos livros de arte, mapas, dicionários de línguas estrangeiras (e portuguesa, é óbvio). Com respeito aos últimos, a reação das crianças foi de os levarem para casa, pois queriam ler os dicionários, numa prova evidente de que não tinham a mínima idéia de que dicionário não se “lê”, se consulta, o que denota sua falta de contato com os mesmos.

A recepção das crianças aos quadros expostos garante-nos que o melhor caminho para lidar com a diversidade cultural é acatar o conceito de simultaneidade, isto é, trazer para o foco da atenção produtos os mais variados, de registros diferentes, porque é no entrecruzamento de suas mensagens que a consciência se forma. Cada uma vai ter a chance de fazer a sua leitura, significativa para seu mundo, como uma menina de sete anos que se encantou com uma cópia de Renoir. Extasiada diante da pintura, queria conhecer o autor, saber onde e como vivia, do que gostava, por que tinha pintado daquela forma, o que nos leva a crer que atentava para a técnica do artista, além do tema das meninas, bem próximo para ela. Ao ouvir da monitora que era um pintor francês, de muito longe daqui e que vivera há muito tempo e já havia morrido, perguntou: “E ele morreu de

morte morrida ou de tiro?”

Esse fato demonstra o quanto a arte, antes de falar ao intelecto, provoca a emoção e a sensibilidade do receptor, mesmo distanciado culturalmente do horizonte de produção. Algo no quadro, que certamente tem a ver com o conteúdo evidente (o olhar, o gesto, o cabelo, o ambiente, etc), chama a atenção, mas, indo além, a criança quer aproximar-se do autor, saber dele para torná-lo íntimo, fazê-lo seu, integrá-lo a seu universo. O passo seguinte é o de descobrir a técnica, porque o modo como Renoir pinta provoca um sentido, e saber como ele consegue pintar assim é compreendê-lo melhor. Ao receber as informações, a menina interpreta-as a seu modo, trazendo para a realidade próxima tempo e espaço distantes. O quadro e seu autor, portanto, foram ressignificados e passaram a fazer parte da vida dessa menina, abrindo-lhe novos paradigmas.

A par das práticas de oficina, provocadoras de experiências como essa, aqui comentada, uma vez por semana, em cada turno, fazemos o espaço do CLIC funcionar como Biblioteca. Mais do que depósito de livros, a biblioteca, desde os seus primórdios, exerceu uma função social, relacionada às condições de acesso à leitura ofertadas às diferentes camadas da população. A história da biblioteca está, pois, diretamente ligada à do livro, desde suas mutações materiais (do volumen de folhas de papiro ao livro impresso, passando pelo manuscrito de pergaminho e suas belas iluminuras), sua produção, divulgação e circulação até seu consumo efetivo pelos leitores. Desde os primeiros tempos, pois a biblioteca tinha uma atitude discriminatória, contemplando apenas uma elite letrada para a qual os livros eram destinados, quer pelos assuntos tratados, quer pelas idéias defendidas, quer pelo respeito quase religioso de que desfrutavam. A mudança de papel que essa instituição vai ter, ao longo da história, refere-se, por conseguinte, à abertura de suas portas a uma clientela cada vez mais ampla, à medida que a alfabetização se propaga e a cultura livresca passa a atingir classes sociais antes marginalizadas. Em última análise, o ideal a perseguir é o de estar ao alcance de todos os cidadãos indistintamente.

Daí concluímos que a biblioteca abriga um trabalho de animação cultural quando se compromete socialmente, isto é, quando acata as produções das diferentes vozes da sociedade e não apenas quando transmite a voz dominante às demais. A animação de leitura implica,

por seu turno, a participação efetiva dos leitores, que passam a ter na biblioteca o espaço de discussão dos temas de seu interesse. O que vale é a troca de idéias e não a imposição daquelas que, historicamente, têm sido as hegemônicas. Caminhando nesse sentido, destruimos a biblioteca-templo para criarmos a biblioteca dinâmica, prosaica, ligada às mais variadas instituições, com as quais dialoga. Por isso, nossa iniciativa busca incentivar a autonomia das crianças-leitoras, uma vez que o acervo fica à disposição com o auxílio de um monitor. Diferindo das oficinas, em que propomos atividades direcionadas, nesse dia as crianças são estimuladas a construir uma atitude leitora, desenvolvendo competências, como selecionar, localizar, manusear os livros e realizar leitura individual, tendo em vista a especificidade de um ambiente mediador como a biblioteca.

Temos, nesses momentos, o intuito de oferecer situações culturais similares àquelas existentes na sociedade em geral, propiciando aos usuários vivências inexistentes em seu ambiente. Criamos, inclusive, um sistema informatizado de classificação, catalogação e busca de livros, para que eles possam se movimentar em nossa biblioteca tal qual o farão naquelas que encontrarem pela vida afora. Por outro lado, o movimento da biblioteca nos permite conhecer preferências, atitudes, necessidades e hábitos de leitura dos participantes, além de acompanhar seu desenvolvimento em todos esses aspectos. Como as visitas são descontínuas e as presenças, por conseguinte, variam, nossas conclusões são sempre relativas, o que nos traz para a realidade como ela é: não temos um grupo de controle, mas um mundo em efervescência e é com ele que temos que lidar. Daí nossa aprendizagem maior.

Além das oficinas de leitura, a ação do CLIC vem alargando-se pelas exigências da própria comunidade. Assim, surgiu a Mala de Leitura, como extensão da biblioteca que funciona em nossas dependências. Disponibilizamos, mensalmente, em uma mala, um acervo de livros literários e revistas informativas para a Associação de Moradores. A mala fica sob a responsabilidade de um representante do CLIC e do líder comunitário, integrante do SASE, que funciona como mediador entre o acervo e a comunidade. Ressaltamos que o público da mala não se restringe às crianças do CLIC, pois a mesma fica à disposição de todas as pessoas que frequentam a sede da Associação, além de circular pela comunidade, segundo propostas do mediador, sem nossa in-

terferência. A seleção dos títulos que compõem o conjunto de livros é definida a partir dos interesses manifestados pelos leitores. Por isso, os títulos deixaram de ser apenas infanto-juvenis para darem conta das solicitações dos adultos, eles também leitores da mala.

A Mala de Leitura permite uma maior aproximação da comunidade em relação ao acervo do CLIC. Os livros selecionados atendiam, como referimos, a princípio, somente ao público infantil, mas diante da solicitação de adultos que freqüentam a Associação de Moradores e dos pais das crianças, ampliamos o acervo com títulos que contemplam esse público. Para tanto, coletamos entre os participantes e outros doadores tais títulos e revistas informativas, além de uma aquisição sistemática de livros. Com a mala, o líder comunitário não realiza apenas a interação entre o CLIC e as crianças, mas assume a condição de mediador de leitura em geral, visto que é o responsável pela circulação do acervo na comunidade, seja através de atividades no próprio SASE ou de empréstimos. Outro dado importante diz respeito ao lugar da Mala de Leitura como um instrumento que nos leva a penetrar mais nesta comunidade, não impositivamente, mas a partir de um movimento dos próprios moradores. Tal situação confere um *status* ao líder, que passa a ser reconhecido e valorizado pela bagagem que, literalmente, carrega. Reproduz-se aqui, como podemos constatar, a valorização da cultura letrada a que nos referimos anteriormente, mesmo em um ambiente em que ela não é familiar.

No entanto, dentro do espaço restrito do CLIC, providenciamos, ainda, encontros culturais, para ampliar as experiências infantis. Com essas atividades, realizadas uma vez por mês, queremos aproximar autores, ilustradores, cineastas, músicos e outros profissionais ligados à criação cultural das crianças participantes do CLIC. Nessas ocasiões, elas conversam com os produtores culturais, comentam suas obras (com as quais tomaram contato antes dos encontros), dão opiniões, num processo de apropriação dos conteúdos sociais a que estão expostas.

A partir do trabalho com a literatura, portanto, ocorre uma ampliação do capital cultural em face do conhecimento de obras, autores, ilustradores, artistas plásticos e personalidades do mundo cultural, como cineastas, desenhistas, músicos, propiciado pelos encontros culturais. As crianças têm, então, a oportunidade de dialogar com os autores sobre seus trabalhos, explorados anteriormente nas oficinas. Durante

essa troca, elas, ao exporem suas curiosidades e inquietações sobre o material apresentado pelos autores, demonstram intimidade com a produção artística, o que denota o domínio desse capital cultural, associado àquele que trazem de sua cultura de origem.

No saldo dessas visitas podemos depositar, assim, resultados de três naturezas, não necessariamente nessa ordem: primeiro, o acúmulo de informações sobre autores, obras e eventos, como alargamento dos conhecimentos das crianças sobre a cultura letrada; segundo, a aprendizagem de atitudes desse mundo, até então a elas vedado, como pedir um autógrafa, participar de um debate, falar em público; por fim, a apropriação da experiência, agora integrada a sua vida, que percebemos quando nos contam, por exemplo, que determinado autor estava na televisão ou que encontraram, na biblioteca da escola, mais um conto de fadas.

As ações do CLIC têm sido multiplicadas a partir dos cursos de formação e palestras ministradas pelos participantes do projeto. Outra forma de socialização é a apresentação de trabalhos em encontros científicos, a produção bibliográfica e o intercâmbio com outros grupos de pesquisa, bem como a divulgação na imprensa falada e escrita. A abordagem está centrada tanto na visibilidade do projeto como um todo quanto das metodologias adotadas para o trabalho com a leitura da literatura, em intercâmbio com outras linguagens. A par dessas ações, outras tantas acontecem, porque o projeto tem se multiplicado, através de iniciativas dos antigos participantes, hoje diplomados e titulados, atuando em contextos diferenciados.

Aliás, os resultados do CLIC têm-se mostrado possíveis em realidades com características variadas. Trata-se de uma experiência generalizável, e teve repercussão, por exemplo, também em uma escola pública, espaço diferente do Campus Aproximado, com professores e não com pesquisadores. Isso, a nosso ver, é importante para aqueles que queiram implementar iniciativas da mesma natureza em seus próprios espaços sociais. As ações pedagógicas vêm a trazer, portanto, não só visibilidade para o projeto, mas demonstrar sua viabilidade, através de intervenções em ambientes escolares.

Por outro lado, nossa ação ininterrupta no CLIC, desde 1996, junto à Associação de Moradores da Vila Nossa Senhora de Fátima, desenvolvida nas dependências do Campus Aproximado da PUCRS, adquiriu legitimação pela comunidade próxima, tornando-se uma pre-

sença cultural importante para pais, professores, crianças e agentes culturais que atuam na Vila. Hoje, qualquer morador identifica o CLIC como espaço onde se lê, se faz arte e se trabalha nos computadores, de modo alternativo e prazeroso. A iniciativa tornou-se um patrimônio daquela sociedade, que ultrapassa a intervenção dos próprios pesquisadores, o que, também por isso, garante sua continuidade, contribuindo para inclusão social dessa Vila.

ABSTRACT

READING AND SOCIAL ROLE

The social role of reading is discussed from the notion of distribution of cultural capital, a concept coined by Pierre Bourdieu. Facing the non-reading evidence, a persistent situation in the country, with historical roots dating back to our colonization process, we promoted an experience of distribution of cultural capital through the creation of a reading lab in a low-income community in Porto Alegre, South of Brazil. From our angle, we want to interfere in the social process, through reading workshops, which will benefit all those involved. Our action, in the Community Interactive Reading Center (CLIC), is threefold. First, we want children to develop a taste for reading aiming at enlarging their cultural horizons. These children are cared by the Socio-educational Center of the Local Association. Also, we aim at developing future teachers of language and literature, who will act in the reading and literature workshops where books meet other types of languages, among them, languages which stem from computers and arts in general. Last, we see this experience as a research field, where we created digitalized material to interact with the literary text and the we theorize about the whole process.

KEY WORDS: reading, cultural distribution, social role

REFERÊNCIAS

- BARKER, Ronald & ESCARPIT, Robert. *A fome de ler*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1975.
- BORDINI, Maria da Glória & AGUIAR, Vera Teixeira de. *Literatura: a formação do leitor – alternativas metodológicas*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.
- BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- CALVINO, Ítalo. *Por que ler os clássicos?* São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- CAVALLO, Guglielmo & CHARTIER, Roger. *História da leitura no mundo ocidental*. São Paulo: Ática, 1998.
- CHARTIER, Roger. *A aventura do livro do leitor ao navegador*. São Paulo: UNESP, 1998.
- CHARTIER, Roger. *Cultura escrita, literatura e história*. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- ESCARPIT, Robert. *A revolução do livro*. Rio de Janeiro: FGV/INL, 1976.
- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Cortez, 1982.
- JEAN, Goerges. *A escrita memória dos homens*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.
- LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1996.
- MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1997.
- MARTINS, Wilson. *A palavra escrita: história do livro, da imprensa e da biblioteca*. São Paulo: Ática, 1998.
- MORAIS, José. *A arte de ler*. São Paulo: UNESP, 1996.
- OLSON, David. *O mundo do papel: as implicações conceituais e cognitivas da leitura e da escrita*. São Paulo: Ática, 1997.